

HABITUS, MERCADO DE TRABALHO E O ENSINO MÉDIO EM GUAJARÁ-MIRIM-RO: EXPECTATIVAS DA PRESENÇA DO CAMPUS DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA NA REGIÃO FRONTEIRIÇA

HABITUS, LABOR MARKET AND HIGH SCHOOL IN GUAJARÁ-MIRIM- RO: EXPECTATIONS OF THE PRESENCE OF THE CAMPUS OF THE FEDERAL INSTITUTE OF RONDÔNIA IN THE BORDER REGION

Luciano Edison da Silva¹

RESUMO:

O ensino público no Brasil, em especial na sua última etapa, tem produzido uma cultura perversa aos alunos secundaristas: postos de trabalho para mão de obra de baixa complexidade, com forte tendência no mercado informal, e sistema educacional excludente. A produção desse quadro, em especial na rede pública, tem no Ensino Médio o grande gargalo da educação básica. Com sinais de esgotamento frente às demandas contemporâneas, o modelo atual contribui inevitavelmente na estagnação econômica. A busca de um novo projeto para essa etapa da educação tem tomado conta da pauta nacional, mas as alternativas apresentadas são muitas vezes distante da realidade dos discentes e do mundo do trabalho. Eleita vilã, a educação pública concentra os holofotes do fracasso escolar na última etapa da educação básica. Porém em meio a essa crise, é possível destacar experiências em andamento no país que têm dado resultados positivos. Uma dessas experiências são os Institutos Federais de Educação, com um *campus* recém-instalado em Guajará-Mirim, Rondônia. Dispondo de uma proposta pedagógica mais atualizada, todavia desconhecida, principalmente entre os grupos de jovens mais vulneráveis, a modalidade de Ensino Médio Integrado do *campus* tornou-se uma esperança para a superação do quadro atual apresentado. Entretanto, ainda esbarra no longo processo de precarização e dualidade do ensino para atender os arranjos produtivos adotados pela região. A partir de levantamento bibliográfico e dados específicos da região, procuramos traçar um panorama do terreno em que *campus* Guajará-Mirim irá fincar suas raízes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Trabalho; *Habitus*.

ABSTRACT:

Public education in Brazil, especially in its last stage, has produced a perverse culture for secondary students: jobs for low complexity labor, with a strong tendency in the informal market, and an excluding educational system. The production of this picture, especially in the public network, has in the High School the great bottleneck of basic education. With signs of exhaustion facing contemporary demands, the current model inevitably contributes to economic stagnation. The search for a new project for this stage of education has taken over the national agenda, but the alternatives presented are often far from the reality of the students and the world of work. Elected villain, public education focuses the spotlight on school failure in the last stage of basic education. However, in the midst of this crisis, it is possible to highlight ongoing experiences in the country that have given positive results. One of these experiences is the Federal Institutes of Education, with a newly installed campus in Guajará-Mirim, Rondônia. With a more up-to-date pedagogical proposal, however unknown, especially

¹ Especialista em História e Humanidades e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4941396946231360>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 07 Páginas 83-108
--	--	-------------------------------

among the most vulnerable groups of youngsters, the Integrated High School modality of the campus has become a hope for overcoming the current framework presented. However, it is still in the long process of precariousness and duality of education to meet the productive arrangements adopted by the region. Based on a bibliographical survey and data specific to the region, we sought to outline the terrain on which Guajará-Mirim campus will take root.

KEYWORDS: Education; Labor; *Habitus*.

01 – INTRODUÇÃO: O MODO DE PRODUÇÃO HISTÓRICO E A CONFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO

A proposta da educação de um povo é sempre crivada pelas agendas de seus governantes, que por sua vez expressam sua concepção de sociedade, sublinha Kuenzer (2000). O modelo de educação, que historicamente o país assumiu, sempre esteve em sintonia com a posição do Brasil frente à divisão internacional do trabalho. Para Caio Prado Júnior, na obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, a economia brasileira se organizou fundada numa postura de subordinação e dependência, ao estruturar-se como fornecedora de produtos tropicais, matéria prima que representam um mercado de baixo valor agregado, ao mercado externo. O sentido da colonização era atender o mercado europeu, mas precisava de uma estrutura mínima

Para os fins mercantis que se tinham em vista, a ocupação não se podia fazer como nas simples feitorias, com um reduzido pessoal incumbido apenas do negócio, sua administração e defesa armada; era preciso ampliar estas bases, criar um povoamento capaz de abastecer e manter as feitorias que se fundassem e organizar a produção dos gêneros que interessassem ao seu comércio. A ideia de povoar surge daí, e só daí. (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 12).

Nesses termos, o adágio liberal não tocou os “donos do poder” no Brasil, uma vez que esses se acomodaram à dominação tradicional, clientelista e a privilégios, evitando a ascensão de toda e qualquer teoria moderna que colocasse em risco o sentido da colonização. Mantiveram, por séculos, uma estrutura produtiva que exigia baixa qualificação² dos trabalhadores para atender o perfil econômico nacional e, propositadamente, regularam o sistema educacional para tal fim.

² Para SABOIA (2009) qualificação passa a ser compreendida como aquela adquirida fora da tradição produtiva que prevaleceu até a revolução industrial, onde as habilidades eram passadas de pais para filhos ou de mestres para aprendizes. Comumente ela pode estar ligada ao custo ou tempo necessário para a formação de um profissional ou então ao maior ou menor poder de intervenção do processo produtivo.

Ao assumir esse papel no mercado internacional, a educação brasileira, principalmente pública, se configurou para ocupações de baixo e médio nível técnico, notadamente de pouca dinâmica. Alinhado a esse contexto, os recursos humanos formados nas fileiras escolares reforçavam a agenda econômica dos governos, reproduzindo a estrutura sócio-política-econômica (KUENZER, 2007).

Sem grandes rupturas até hoje, esse modelo educacional rígido persiste em praticamente todo o território brasileiro, resistindo às mudanças ocorridas na contemporaneidade que se direcionam para uma nova relação entre ciência e trabalho (*Id. Ibid*). Herança do projeto colonial, tem dificultado a inserção do país em uma economia que revolucionou o processo de trabalho, promovido pela concorrência em nível mundial, ancorado em bases dinâmicas e em redes graças aos avanços da tecnologia (CASTELLS, 1999). O Ensino Médio, última etapa da educação básica, tem sido o mais resistente às transformações.

Em Guajará-Mirim essa dinâmica econômica se manifestou, e ainda se mostra presente, nos diferentes ciclos históricos que atualmente procura superar: da borracha, castanha e atualmente, da área de livre comércio. (CHAMMA, 2016 apud FUSINATO, 2005). Com isso, a educação acabou se conformando aos arranjos daquele tipo de trabalho, limitou a preparação para pra um tipo de trabalho de pouca dinâmica, pois o horizonte educacional mirou apenas o mercado de trabalho, ao seu tempo breve (CIAVATTA, 2005).

Ao preparar somente para o mercado asfixiou a criatividade em função de uma formação prática e mecanicista, sem vislumbre de longo alcance que possibilitasse uma educação humana em seu sentido pleno (*Id. Ibid*). Formação esta que tem o mercado no horizonte, mas também o desenvolvimento de novas formas de pensar, acompanhando e propondo novas técnicas de trabalho. Uma educação para o mercado, mas além, que permita o desenvolvimento omnilateral, com uma amplitude e profundidade onde o estudante pudesse propor mudanças às formas de produzir, dinamizar o mundo do trabalho e elevar os ganhos econômicos e sociais. Ganharia o estudante, empresário, município e toda a região.

Sem potencializar os ganhos de cada ciclo, preparando a comunidade para dar novos saltos a partir das benesses daquele período, a região se configurou com fortes traços de dependência de cada um deles sem se projetar para o futuro.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 07 Páginas 83-108
--	--	-------------------------------

Hoje, mais uma vez, procurar se agarrar na área de livre comércio e nos avanços da pecuária.

Não obstante, há uma parcela do empresariado guajaramirense que cobra investimento de qualidade na formação dos profissionais para atender, principalmente a área de livre comércio, mas ao contrário dos outros ciclos, amparada por uma educação politécnica³ que permita uma

formação de cidadãos capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente, visando contribuir para a transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos (MOURA, 2007).

Diante desse contexto fica claro que a presença do *campus* Guajará-Mirim se mostra ingente, pois sua proposta pedagógica parte da integração entre educação geral e profissional, para atender não somente à atividade laboral, mas também em seus vínculos políticos e culturais (ROBSBAWN, 1987 apud CIAVATTA, 2005).

02 – CAMPUS GUAJARÁ-MIRIM E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRADA

As reflexões deste artigo são frutos do projeto de extensão *Mercado de trabalho e o Ensino Médio* desenvolvido em Guajará-Mirim entre março e julho de 2016. Tinha como objetivo ouvir, com maior proximidade, as expectativas da comunidade quanto a presença do mais novo *campus* do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Para uma instituição que tem com ponta de lança formar capital humano mais apurado e cidadãos comprometidos, se fez necessário essa aproximação, principalmente entre aqueles que já não estão no meio escolar ou abandonaram-na antes de sua conclusão, e escutar suas queixas e expectativas. A partir disso, foram levantados dados oficiais a respeito da educação e emprego na região fronteiriça e bibliografia específica sobre o tema.

Histórica, Guajará-Mirim se localiza na região oeste do Estado de Rondônia, divisa com a Bolívia. Separada pelo rio Mamoré, teve papel importante no desenvolvimento do país por ser o ponto inicial, até Porto Velho, da ferrovia

³ SAVIAN (2007) compreende com a união entre instrução intelectual e trabalho produtivo.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Madeira-Mamoré. Estrada de ferro construída com o custo da vida de inúmeros soldados da borracha, foi utilizada para escoar a produção da região, entre os principais e mais importantes: o látex. Também é conhecida pelo carinhoso nome de Pérola do Mamoré, tamanho o brilho reluzido pelos seus ciclos econômicos, mas já sem a mesma intensidade nos dias atuais.

Recém inaugurado, *campus* Guajará-Mirim, se instala no município fronteiriço para contribuir na construção de melhores indicadores que, assim como o resto do país, vive um alto índice de evasão no Ensino Médio e baixa qualificação de sua mão de obra (SCHWARTZMAN; CASTRO, 2013). Com a sua presença, mira-se na formação de um ensino integral, “seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior” (CIAVATTA, 2005, pg 84), em sintonia com o mundo trabalho e suas transformações.

Recém-iniciado⁴ a primeira turma de Ensino Médio, modalidade integrada, se apresenta como uma nova esperança à comunidade atendida pelo IFRO. Amparada por proposta pedagógica atualizada⁵ às demandas atuais, o *campus* Guajará-Mirim tem atraído a atenção dos moradores circunscritos, ao vislumbrarem uma educação articulada com a cidadania e o mundo do trabalho e políticas de permanência e êxito dos ingressos.

Já no processo seletivo unificado de 2017/1, os dados do Painel IFRO mostram que a concorrência por uma vaga já superou *campi* tradicionais. Guajará-Mirim, apenas no seu segundo processo seletivo para o ensino Integrado, apresentou uma concorrência de 3,40 candidatos para as 150 vagas nessa modalidade, ocupando a quarta colocação entre os 7 *campi* que oferecem esse tipo educação. O *campus* Calama (Porto Velho) vem na primeira colocação, com 7,66 candidatos para suas 320 vagas ofertadas, seguida de Cacoal com 3,69 disputando as 200 vagas, acompanhada por Ariquemes, 3,62 de 240. Ji-Paraná ocupou a quinta colocação com 3,39 frente as 240 vagas, Colorado do Oeste com 2,84 para suas

⁴ A primeira turma, Técnico em Suporte e Manutenção em Informática Integrado ao Ensino Médio, iniciou em fevereiro de 2016.

⁵ A partir do decreto 5154/2004 passa a ser permitida a integração entre ensino médio e profissionalização.

200 vagas na sexta posição, Vilhena em sétima colocada com 2,32 com 240 vagas oferecidas.

Os dados não representam somente a expectativa do concorrentes a uma vaga, mas também é compartilhada pelos empresários. A falta de uma educação de qualidade e profissional, reclamada pelo empresariado guajaramirense, em setores estratégicos, dificultam a potencialização dos incentivos fiscais que a Área de Livre Comércio⁶ possibilita, identificou Silva (2014). Porém é preciso grifar que os objetivos dos Institutos Federais de Educação (IFEs) não focam somente na formação para o mercado de trabalho, mas de cidadãos para o mundo do trabalho⁷. Antenado nas transformações atuais, necessárias e urgentes para Guajará-Mirim, busca um ensino que possibilite assumir e dar respostas à nova morfologia do mercado e sociedade, num processo de inclusão socioprofissional e educacional. É o que enfatiza as concepções e diretrizes dos IFEs, principalmente para aqueles que historicamente foram alijados das benesses que o país conquistou (SETEC, 2010), em especial as de Guajará-Mirim e região.

Nesta esteira, a presença do Ensino Médio Integrado propõe aos alunos uma autonomia intelectual e ética (KUENZER, 2000), “por meio de uma combinação do ensino de ciências naturais, humanidades e educação profissional e tecnológica” (SETEC, 2010, pg 02), aprendendo a ler o mundo e seus contextos numa relação dinâmica que vincula a realidade com a linguagem. Isso possibilitará uma inserção comunitária com maior amplitude e profundidade nas questões sócio-político-econômica por parte dos egressos, pensando não somente o que há agora, mas projetando também o futuro.

Uma educação pensada nesses termos tem impacto tanto na vida dos alunos quanto empresários locais. Estes dependem dos recursos humanos formados pelo atual sistema educacional e aqueles, a inserção do mundo do trabalho. Silva (2014), em seu trabalho sobre as vantagens, desvantagens e desafios dos empresários na Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim, aponta a

⁶ Lei N° 8.210, 19 de julho de 1991 possibilita a região vislumbrar um novo salto econômico.

⁷ Trabalho precisa ser compreendido em suas bases ontológicas, como aquilo dá sentido à existência humana. Trabalho e educação são indissociáveis, pois a existência humana só é possível através delas, uma vez que ao produzir sua existência trabalhando, educavam-se e educaram outras gerações em seus termos. (SAVIANI, 2007)

ausência de uma educação qualificada como obstáculo para impulsionar a economia local. As deficiências na educação e a falta de uma modalidade profissional em setores importantes para a cidade não permitem aproveitar, com mais propriedade, os benefícios dos arranjos econômicos da fronteira. Por isso Schwartzman (2013, pg 564) alerta que

É difícil imaginar que o simples estímulo à demanda possa alterar este quadro de forma significativa, já que ela tende a reproduzir os padrões de consumo existentes, tanto de serviços como de consumo de bens duráveis cujos preços internacionais são muito mais baixos do que os produzidos no Brasil, justamente pela baixa produtividade dos recursos humanos disponíveis no país. Maiores e melhores investimentos em infraestrutura podem melhorar esta situação, mas, em última análise, não há como continuar desenvolvendo a economia de forma sustentável se a qualidade dos recursos humanos no país não melhorar significativamente, permitindo a criação de mais empresas e postos de trabalho de boa qualidade e uma melhor repartição dos benefícios da economia entre a população.

Corroborar essa preocupação Fusinato (2005) ao identificar uma crescente estrutura fundiária na região nos últimos anos. Caracterizada como grande propriedade para criação de gado⁸, tem provocado a diminuição dos postos de empregos por ser um ramo que demanda pouca mão de obra e trabalhadores flutuantes. Trabalho que gera pouco interesse nos jovens⁹ da região, e ao mesmo tempo exige pouco do ensino, pode novamente limitar o investimento em infraestrutura caso não haja alinhamento entre educação e arranjos produtivos.

A reclamação do empresário fronteiriço aponta para a necessidade de melhorias do sistema educacional, para que pudessem aproveitar as políticas da Área de Livre Comércio, haja vista que nos ciclos anteriores o descompasso entre esses setores se manteve. Assim, por mais que a região tenha vivido momentos áureos em sua economia, não houve investimento na educação para que a região formasse, também, mão de obra qualificada e acompanhasse os novos arranjos da economia global, mantendo sua ascensão. Essa ausência de investimento¹⁰ em uma educação integrada reverbera em prejuízos inevitáveis, principalmente em tempos de intenso progresso técnico, quadro colhido pela pérola do Mamoré.

⁸ Rondônia possui um dos maiores rebanhos bovinos do país, por isso a importância de grandes faixas de terra.

⁹ Para o Estatuto da Juventude brasileira é aquele compreendido entre 15-29 anos de idade. Portanto, os dados são relativos a essa faixa de idade.

¹⁰ No Brasil o investimento é sempre taxado como gasto e não investimento.

Convivendo com um sistema educacional que é predominantemente similar em todo o país, distante da conjuntura local, Guajará-Mirim busca novos caminhos com cursos importantes para a região. Assim o novo curso de Ensino Médio Integrado em Biotecnologia, para uma região com cerca 93% de unidades de conservação, mostra-se promissor.

A ausência histórica de um ensino, principalmente para a última etapa da educação básica, que proporcione autonomia, que admita estudantes com diferentes motivações, projetos, perspectivas de qualificação e formação, são obstáculos tanto para os jovens quanto para o mercado. É nessa esteira, com os olhos fincados no potencial local, que os cursos de Informática e Biotecnologia integrado, este último implantado em 2017, o *campus* busca contribuir

para o desenvolvimento global e profissional de pessoas e grupos, bem como para o progresso socioeconômico local, regional e nacional, na perspectiva do desenvolvimento sustentável e da integração com as demandas da sociedade e dos setores produtivos (IFRO, Resolução 54 de julho de 2016)

Comprometido com a região circunscrita, mira uma educação não só para executar atividades, como também pensar a respeito delas (MOURA, 2007). Destarte, permite superar a dualidade do ensino no Brasil, que separa a educação em intelectual e braçal, e promover um ensino de alta produtividade. Trata-se de unir as duas pontas: as demandas produtivas com investimento em educação, uma vez que isolado não garantem desenvolvimento, não sustentam os ciclos econômicos para novos patamares.

Propiciar a formação de capital humano que aproveite e potencialize as demandas locais se mostrou urgente para os municípios da Pérola do Mamoré e região no contato a partir do projeto de extensão. Logo, a grande expectativa no êxito de uma vaga.

Os desafios são grandes, pois a dualidade dominante no ensino médio é vista, pelos defensores da educação integrada, como responsável pelas altas taxas de insucesso¹¹ e descompasso com a complexidade da sociedade contemporânea, resultando em formação de mão de obra precária entre os jovens. Justamente em

¹¹ O Documento Orientador para a Superação da Evasão e Retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (MEC, 2014) aborda termos mais amplos para o insucesso escolar, pautado nos principais debatedores do assunto.

uma das fases da vida mais importantes para o setor produtivo¹², a transição escola-trabalho é marcada por altas taxas de informalidade, o que afeta por um lado a passagem saudável para a vida adulta e do outro cria obstáculos à elevação da produtividade econômica (FURTADO, 2016).

Em Rondônia, segundo os dados da Relação Anual de Informações sociais (RAIS), entre 2013 e 2014 o estoque de emprego que mais sofreu foi a faixa de 15 a 24 anos, fruto de uma educação que não tem atendido a demanda produtiva e expectativas dos jovens.

TABELA 5
ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS SEGUNDO FAIXA ETÁRIA
RONDÔNIA - 2013 E 2014

Faixa Etária	2013	2014	Var. Absoluta	Var. Relativa (%)
De 15 a 17 anos	3.662	3.606	-56	-1,47
De 18 a 24 anos	66.354	64.121	-2.233	-3,37
De 25 a 29 anos	61.006	61.736	730	0,29
De 30 a 39 anos	109.978	111.675	1.697	1,54
De 40 a 49 anos	73.244	74.771	1.527	2,08
De 50 a 64 anos	49.341	50.622	1.281	2,59
65 anos ou mais	3.339	4.131	792	23,72
Total	367.645	374.191	6.546	1,78

Fonte: RAIS - Dec. 76.900/75

Elaboração: CGE/DES-SPPE/MTE

Obs.: as informações de Ignorado estão incorporadas no Total

Esses dados corroboram com a pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) a respeito do alto índice de jovens que acabam buscando no mercado informal seu primeiro emprego por não conseguir ingresso no mercado formal. No Estado de Rondônia a variação do emprego formal entre 2014 e 2015 entre 15 e 29 ano, foi de -11.013 vagas. Já em Guajará-Mirim foi de -35 vagas, enquanto que entre 50 anos e acima de 65 foi de 61 vagas. Nova Mamoré, vizinha de Guajará-Mirim, segue o mesmo ritmo e tem -21 vagas para os jovens, segundo os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Em todos os cenários as profissões com mais estoque eram aquelas do grupo para baixa habilidade. Reflexo desse quadro incide no baixo desenvolvimento econômico, conformando o mercado local para baixa remuneração e produtividade, justamente em tempos de intensas transformações tecnológicas, onde antigos empregos estão sendo substituídos por novos (CASTELLS, 1999). Por isso, “enquanto política pública, os Institutos Federais assumem o papel de agentes

¹² A Secretária Nacional da Juventude (2014), Estação juventude: conceitos fundamentais – pontos de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude.

colaboradores na estruturação das políticas públicas para a região que polarizam, estabelecendo uma interação mais direta junto ao poder público e às comunidades locais” (SETEC, 2010, pg18). Mas, para tanto, é necessário conhecer o perfil regional, saber onde o *campus* finca os pés, principalmente as aspirações dos jovens estudantes para reverter esse cenário que atinge principalmente os jovens.

Distante da realidade juvenil é preciso que a escola reveja seus currículos, para que o estudante possa ingressar no ensino médio e ter possibilidade de “empregos produtivos e de qualidade, articulados com sua trajetória de vida e anseios” (OIT, 2015, pg 4). Com uma educação que ainda teima em seguir os mesmos passos de um mundo marcado pelo sistema fordista, o ensino médio tem se transformado em uma “máquina de gastar estudante”. Porém, mesmo com uma proposta mais atual, os currículos dos cursos Integrados ainda precisam de ajustes, pois continuam sendo mais extenso do que aqueles que seguem o modelo tradicional, chegando 16, 17 e até 18 disciplinas na primeira série do ensino médio.

Melhorar a infraestrutura, as políticas de gerações de emprego, incentivos fiscais podem aliviar a situação, mas seu alcance se torna limitado se não houver qualificação dos recursos humanos. Para tanto, isso só poderá ocorrer com a qualificação da educação básica, em especial sua última etapa, pois mesmo com os avanços da educação nas últimas décadas, o setor que mais tem empregado, ainda, é aquele que exige baixa qualificação (SCHWARTZMAN, 2013).

03 – EDUCAÇÃO E TRABALHO: UMA RELAÇÃO INTERDEPENDENTE E O PREJUÍZO PARA TODOS

Como a existência humana não é garantida pela natureza, mas sim resultado do esforço diuturno para adaptar a natureza a si através do trabalho, a origem da educação coincide com a necessidade de produzir a própria vida. Desta forma, aprendemos a produzir nossa existência no próprio ato de produzi-la (SAVIANI, 2007).

Destarte, tomando a educação como fundamental para o desenvolvimento do trabalho, faz-se urgente e necessária investir pesadamente na educação para que, tanto o indivíduo como a comunidade, possa colher os frutos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

dos investimentos estruturais. Sem essa postura os avanços econômicos tendem a perder folego e o bonde da história propiciada pelos ciclos econômicos.

Trabalho e educação são indissociáveis, se um vai bem ou outro acompanha. Porém, Schwartzman (2013) e Castro (2013), constataam uma acomodação do mercado de trabalho. A má qualidade da educação brasileira combinado com o aquecimento da economia nos últimos anos produziu uma baixa oferta para postos de trabalho de grande complexidade. Reduziu a taxa de desemprego, mas a economia estagnou. Isso ocorre porque os empregos gerados continuam sendo, assim como Guajará-Mirim, para atividade de baixa qualificação, consequência histórica das relações socioeconômicas assumidas pelo Brasil na divisão internacional do trabalho (KUENZER, 2002).

Em Guajará-Mirim, segundo os dados do MTE, no período compreendido janeiro de 2015 a janeiro de 2017, entre as 50 profissões mais admitidas pelo mercado, apenas 5 profissões pertencem ao GG2 e apenas 2 do GG3, que são aquelas que mais exigem nível de competência, respectivamente 4 e 3. Em 16ª e 25ª posição aparece profissão de GG1, que exige qualificação variada, por isso não existe nível de competência, podendo exigir curso superior incompleto, cursos profissionalizantes de até quatrocentas horas ou graduação tecnológica, bacharelado e de pós-graduação¹³. Enquanto aquelas do grupo GG2 são para profissionais das ciências e das artes, o GG3 exigem formação de Técnico de Ensino Médio, o que evidencia a grande defasagem principalmente nesse último grupo. Já as duas de maiores qualificação apontadas no parágrafo anterior (GG1), 16ª, Gerente Administrativo e 25ª, Gerente Comercial, o salário e quantidade de vagas são, respectivamente: R\$ 2,147,56 (16 vagas) e 2.115,50 (12 vagas). Aquelas de nível Técnico de Ensino Médio são Técnico em Secretariado (8 vagas) com salário de R\$ 825,75,92 e Técnico de Enfermagem R\$ 1.072,83 (6 vagas).

¹³ O Catálogo Brasileiro de Profissões estabelece 9 Grandes Grupos de competências e escolaridades: GG1 (sem especificação de competência pela escolaridade diversa exigida, logo níveis de competência diversos), GG0 (incluir Forças Armadas, policiais e bombeiros militares, e o nível de competência é diverso). GG2 (nível de maior competência, 4), GG3 (nível de competência , 3) GG4, 5, 6, 7 8 (nível de competência 2) e GG9 (nível de competência 1 – não qualificados)

Vendedor de Comércio Varejista (236 vagas admitidas), Armazenista (171 vagas admitidas), Auxiliar de escritório, em geral (113 vagas admitidas), Carregador (68 vagas admitidas) e repositor de mercadorias (61 vagas admitidas) são as cinco profissões que mais empregam. Respectivamente seus salários são: R\$ 892,01, R\$ 978,01, R\$ 948,70, R\$ 979,43 e R\$ 917,11. A primeira pertence ao GG5, a segunda e terceira ao GG4, a quarta ao GG7 e a quinta ao GG5.

Problema esse que atinge todos os jovens, e não seria diferente na região fronteiriça: encontram emprego, porém precário e de baixo salário. Mas quando há vagas para mão de obra qualificada de um lado, do outro a oferta de recurso humano é escassa, limitando o avanço econômico. É o que ocorreu com os ciclos econômicos: quando a economia encontra em um estágio para alçar novos saltos, esbarra na qualificação dos trabalhadores.

Os dados do Ensino Médio corroboram com esse cenário. Em 2011 a taxa de atendimento líquido da última etapa da educação básica foi de 51%, o que significa que metade dos estudantes estava fora da escola ou estão em séries incompatíveis (PNAD apud SCHWARTZMAN, 2013). Guajará-Mirim não foge a essa regra e apresenta uma taxa de 35,9% de jovens em idade incompatível com a série. Muito acima do 28% no Brasil e os 30,3% em Rondônia. Para uma população estimada para 2015 em 4.419 jovens entre 15 e 19 anos (IBGE), idade em que se espera, para movimentos em prol da educação como o Movimento Todos pela Educação, que esses jovens tenham concluído o Ensino Médio, não é o que tem ocorrido. Enquanto a meta 3 do Plano Nacional de Educação (PNE) projeta uma taxa líquida de 15 a 17 anos de 85%, a cidade contava com 1.252 matriculados para esta faixa etária, enquanto para aquela 1.477. Logo, há 66,6% de jovens que ou estão fora da série normal ou da própria escola. Só a taxa de insucesso, reprova e abandono é de 19,1% nessa faixa de ensino. Atinge 27,9% só na primeira série, 15,1% na segunda série e 4,8% na terceira série. Mas se os dados forem somente da rede pública, há uma piora nos valores que eleva para 29,6%, somente na primeira série, o insucesso escolar (INEP, 2015).

A aproximação com a comunidade logo revelou aquilo que a literatura atual assinala: educação de baixa qualidade e o impacto no tipo de trabalho que os jovens estão herdando. Com baixos índices de oferta e qualidade, a atual

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 07 Páginas 83-108
--	--	-------------------------------

configuração do ensino médio não permite uma formação integral, de cidadão ativo que tenha o mercado de trabalho no horizonte, mas não se reduz aos ditames do mesmo, permitindo sua contínua revisão.

Por mais que os ciclos econômicos em Guajará-Mirim elevassem a gerações de emprego, eram postos para um perfil de baixa complexidade. A educação não acompanhou e interviu na formação dos jovens, dispondo qualificação apenas para atender a estrutura produtiva da época. Asfixiou, e tem asfixiado, a criatividade que poderia, caso disposto uma educação mais ativa, dar novos saltos nos arranjos produtivos e desenvolver nossas formas de produzir, preparando Guajará-Mirim e região para o mercado dinâmico em construção.

As mudanças ocorridas nos processos de transformação tecnológica e econômica, para Castells (1999), trouxe uma nova estrutura ocupacional crivada pela tecnologia da informação, mas possíveis somente com uma educação mais ativa. Novos postos de emprego passam a ser intrinsecamente ligados à inovação em todas as suas dimensões, sobrando para economias periféricas, postos de baixa complexidade. Porém, a inserção naquele modelo de produção necessita de esforço ingente do sistema educacional, mormente do Ensino Médio, para proporcionar uma perspectiva de trabalho qualificado e alavancar a economia local, regional e nacional. Entretanto só é possível se tivermos na alça de mira uma educação mais flexível e de qualidade, onde o estudante possa ter à disposição ensino mais qualificado, com “acesso aos conhecimentos, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar e para produzir a existência e a riqueza social” (RAMOS, 2008. pg 02). Mas a educação histórica oferecida pelo Ensino Médio não permite que o estudante vislumbre com amplitude e profundidade a sociedade do conhecimento.

Obstáculos para economia, o ensino atual é resultado de uma formação propedêutica que prioriza o pensamento lógico-matemático e a racionalidade (ALARCÃO, 2001) por um lado, e do outro para a formação rápida de trabalhadores (KUENZER, 2002) para mercados definidos. Grande parte é destinado para setores de baixa exigência enquanto um número reduzido é voltado para a alta. Tal ambiguidade revela os males e fracasso do Ensino Médio, que reverbera nos arranjos produtivos. Sobreretudo para os jovens que trabalham e estudam, 48% em

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 07 Páginas 83-108
--	--	-------------------------------

2013¹⁴, a escola se transformou em uma terceira jornada de trabalho que pouco agrega em termos salariais (KUENZER, 2011). Sem vislumbrar significativos postos de trabalhos, investem mais cedo no mercado de trabalho em detrimento da escola. Filhos da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2002), por necessidade ou precariedade econômica, reduzem o tempo de dedicação aos estudos se lançam mais cedo no mercado de trabalho, que por vezes, necessitam abandonar a escola para contribuir na renda familiar. Quanto mais precoces se lançam no mercado de trabalho, maior o prejuízo na formação educacional contribuindo para a reprodução da pobreza (OIT, 2015, pg 25). Para esses as chances de sucesso via escola são reduzidas, falta lhes recursos, entre tantos, não disponibilizados pela própria escola, ao dispor capitais para reprodução do nível socioeconômico de seus pais/responsáveis. Desta feita, suas famílias adiantariam a entrada dos filhos no mercado de trabalho, mesmo antes do fim do ensino médio (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). O reflexo desse imbróglio é a demanda de trabalho para baixa qualificação, mensurada em economia estagnada, que não permite Guajará-Mirim superar os limites dos ciclos econômicos imposto pela qualidade do capital humano.

Corroboram os dados do Ministério do Trabalho que expõem o salário médio, pago em Guajará-Mirim, para profissões GG3 que estão por vezes abaixo de outras do GG9, com mais oferta nesta do que naquela. Reflexo da estagnação do mercado para baixa remuneração, portanto sem grandes expectativas para o aluno que deseja continuar seus estudos para além da última etapa da educação básica. Educação e postos de trabalhos tem um alimentado o outro. A intervenção para superar esse ciclo deve partir da educação, como mostra os exemplos dos países que conseguiram superar quadros parecidos.

Pensar qualquer reforma para essa modalidade de ensino melhorar seus indicadores esbarra em agendas conflitantes. Sem articular as duas dimensões, ensino e mercado, algo que se propõe a modalidade Integrada, a escola continuará reproduzindo os papéis sociais, historicamente constituídos, e a estrutura produtiva da região. Destarte, pouco adianta que políticas públicas sejam adotadas na região

¹⁴ Dados sobre o mundo informação da juventude levantado pela Organização Internacional do Trabalho no Brasil.

fronteiriça para melhorar a economia local, se essas somem entre as fileiras escolares.

Inerente, o mercado local sofre com as consequências de uma educação em descompasso com a formação do novo trabalhador. A baixa qualificação dos jovens dificulta dar saltos qualitativos, converter os programas econômicos em algo mais durável e de retorno ao município. Mas, para que esse quadro se altere não basta apenas aumentar o tempo de permanência na escola, como alguns imagina. É preciso, antes de tudo, políticas e recursos para que esse tempo a mais na instituição se converta em benefícios individuais e sociais, integrando cidadania e trabalho. É nessa esteira que os programas de auxílio ao estudante, para permanência e êxito, se apresentam como importante política do IFRO. Pois

a adoção de medidas e políticas que combatam a evasão escolar e a não conclusão do ensino médio são medidas que estabelecem patamares mínimos de qualificação, com impactos positivos na garantia do acesso de jovens a trabalhos não-precários. (OIT, 2015, pg 25).

As políticas assistências devem contribuir, principalmente, para aqueles que necessitam trabalhar e estudar, mormente os jovens de baixa renda, sem ser impedimento para a formação profissional e qualificação profissional. Mas, é bom sublinhar que isolada, a educação não tem poder de resolver os problemas, pois há “uma série de variáveis determinantes de igual ou maior importância, como são: a dívida externa; a corrupção das elites; o protecionismo do primeiro mundo que se beneficia dez vezes mais do que lhe dá em termos de ajuda [...] (CHOMSKY; DIETERICH, 1999, apud MOURA, 2008, p. 87)”.

Schwartzman e Castro (2013, pg 564) alertam que “a necessidade de melhor qualificação dos recursos humanos é um requisito da economia e uma aspiração da população, que sabe que as pessoas mais educadas conseguem melhores empregos e melhores rendas”, porém, como não há melhorias no sistema educacional, principalmente no Ensino Médio, o país vem presenciando uma acomodação nos postos de trabalho para mão de obra de baixa complexidade e, conseqüentemente, afastando postos de trabalhos mais complexos para outros países.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Guajará-Mirim, nesse contexto, busca encontrar um novo caminho econômico depois dos áureos ciclos da borracha, castanha e, por último, com a criação da área de livre comércio. Este último, colhendo os louros do plano real, levou o município a atingir o ápice dos negócios com produtos importados, mas a partir dos anos de 1995 não conseguiu repetir a mesma desenvoltura, e colhe reduções drásticas no comércio desde então (FUSINATO, 2005).

Com a missão “voltada à formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a sustentabilidade da sociedade” (IFRO. 2014, pg 30), é no desenvolvimento endógeno, a partir de projetos pensados pela e para a comunidade circunscrita que o *campus* buscar contribuir. Para Palitot (2014) a “política de desenvolvimento feito por pessoas que não são da Amazônia para pessoas que vivem e são da Amazônia” capitalizou lucros e socializou prejuízos. Em Guajará-Mirim esses modelos não têm contemplado os interesses, recursos e potenciais da região, uma vez que foram pensados de maneira exógena, alerta Palitot. Desta forma,

ficou claro que os modelos dos enclaves de desenvolvimento implantados na Amazônia é excludente na medida em que distribui lucros e prejuízos desigualmente. Concentra benefícios sem arcar com o custo social e ambiental, nem mesmo os financeiros, uma vez que, na maioria dos casos, os enclaves são subsidiados. Em suma, para a Amazônia, qualquer proposta deve considerar tanto a diversidade biológica quanto a cultural de cada região que a compõe. Assim, uma proposta de desenvolvimento regional, que vise a construção de uma sociedade brasileira melhor, deverá promover a redução das desigualdades sociais, principalmente das regiões periféricas do Brasil, induzir a formação e a adoção de políticas de desenvolvimento que atentem também a cultura, história e identidade local. Contudo, é a teoria do desenvolvimento endógeno quem destacará a questão regional, com vistas a propor diretrizes proativas de melhoria das condições de vida nas áreas rotuladas como atrasadas e periféricas. Na verdade, essa teoria pretende contrapor-se ao esgotamento dos modelos de crescimento através das grandes empresas-enclaves (PALITOT, 2014, pg 03).

Para que tal empreitada seja possível é fundamental conhecer a região e seus potenciais, para que sua inclusão na divisão internacional do trabalho se dê dentro dos termos amazônicos. Reside aí a importância e esperança depositada no *campus* Guajará-Mirim, pois não é possível pensar a superação dos problemas econômicos se a educação não estiver em sintonia.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Desconecta, a educação brasileira respondeu e continua respondendo adequadamente às demandas de mercado periférico, com uma pedagogia fragmentada, organizada em rígidas tarefas, uniforme, procedimentos padronizados e rigoroso controle sobre os alunos. Porém, a velocidade das transformações tecnológicas tende a tornar o conhecimento rapidamente obsoleto, logo a escola com seu atual arranjo não consegue responder mais a reestruturação produtiva contemporânea (KUENZER, 2002). Melhorar a qualidade da educação significará romper com outras estruturas que se privilegiaram com a baixa qualidade do ensino. Assentado sobre esta, Guajará-Mirim, para trilhar um novo caminho, precisará romper com uma estrutura econômica que se repete em todo o Brasil. A educação precisa estar na ordem do dia, mas necessita que os setores produtivos também se modernizem para absorver os jovens egressos.

04 – HABITUS E A ESCOLA PARA O MERCADO DE BAIXA PRODUTIVIDADE

Em estudo do escritório de St. Louis do Federal Reserve, em 2014, a média anual brasileira foi de 1.711 horas de trabalho no ano, enquanto a média anual da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi de 1.763. Isso coloca o Brasil muito próximo do grupo da OCDE, ao qual o Brasil não faz parte, ficando próximo do Japão 1.729 horas por ano, Canadá, 1.703, Itália, 1.719, e EUA, 1.789. Na Alemanha a média é de 1.366 horas ao ano, com um PIB três vezes superior ao do Brasil. Mais do que horas trabalhadas por ano a explicação da riqueza produzida por cada país está na qualificação dos recursos humanos.

É preciso compreender a baixa qualidade da educação em termos históricos. As limitações do ensino médio e profissionalizante, crivado por uma educação dualista (KUENZER, 2010), amarrada com o modelo exportador de produtos primários, devem ser compreendidas como projeto de nação. Historicamente a educação técnica profissionalizante ficou relegada a segunda categoria, enquanto o modelo tradicional tinha mais *status*. Enquanto aquela era voltada para a classe trabalhadora que almejava ingresso rápido no mercado de trabalho, “de forma separada da escolarização regular, como uma modalidade

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

compensatória, e de cunho moralista, no sentido de tirar ‘os pobres e desvalidos da sorte’ do meio da rua, e educar-lhes o caráter por meio do trabalho” (KUENZER, 2011), está para os filhos da elite, propedêutica para seguirem seus estudos no Ensino Superior.

Essa dualidade contribuiu para manter o país alinhado aos interesses do capital, que ora necessitam de mão de obra qualificada, ora como subordinação estratégica, direcionando-os às diferentes formas de trabalho. Dessa forma o país fomentou uma educação para atender a posição que o Brasil assumira no capitalismo e sente, até os dias atuais, as consequências dessa escolha. Dessarte, os ciclos áureos de Guajará-Mirim não se reverteram em melhores condições do sistema produtivo e educacional, em geral para os municípios, pois estavam alinhados como a posição do país no mercado internacional a partir da estrada de ferro Madeira-Mamoré.

É nessa direção que se assentou esforços para a separação do ensino médio e o profissionalizante, como foi com o decreto 2.208/97, uma vez que a partir das décadas de 1980/90 o investimento na industrialização perde folego frente a “revalorização da tradicional posição brasileira como exportadora de produtos primários” (PETRAS, 2013 apud FAÉ, 2017, pg 189). Decreto que atendia a redução de custos com a educação no governo Fernando Henrique Cardoso, implementando ajustes na educação, para desenvolver habilidades e conhecimentos demandados pela reestruturação produtiva que o país pretendia trilhar. Frigotto e Ciavatta (2003) destacam o tipo recurso humano para o protagonismo econômico que o Brasil precisava desenvolver no cenário da divisão internacional do trabalho: conhecimento em português para saber se comunicar bem, conhecimentos básicos em matemática e capacidade de trabalhar em grupo para que possam se adaptar a novas situações. Logo, um ensino para atividades neuromusculares, típico de países dependentes, ao passo que os países centrais caminham para o desenvolvimento de atividades cerebrais (Arrighi, 1998 apud Frigotto, 2003).

Notório, o sistema educacional brasileiro se configurou, nesse longo processo, para atender a uma demanda específica. Todos os recursos movimentados pelos governos consolidaram a reprodução das estruturas sociais. Como instituição social responsável por reproduzir o macro no micro, consolidou-se

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 07 Páginas 83-108
--	--	-------------------------------

uma disposição cultural nos estudantes, denominada por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron de *habitus*. Assim, o insucesso escolar nada mais é do que projeto para uma econômica periférica reforçado diuturnamente das fileiras escolares.

Mediador entre o indivíduo e a sociedade, o *habitus* sintetiza as experiências exteriores e individuais. Por ser sistema de esquemas individuais, mas socialmente constituído por disposições duráveis do passado, sua trajetória anterior torna a estrutura vivenciada em elementos estruturantes: gostos, desejos, vontades, aptidões, etc. Assim, quando o estudante usa o jargão popular: “onde vou usar isso na vida”, expõe as entranhas do *habitus* por não ver sentido na educação quando pensam aquilo que o futuro lhes reserva.

Coube, portanto, o ensino encarnado na ação pedagógica impor e inculcar certas significações, selecionado e excluindo aquilo que contribuía na manutenção da estrutura social. E se a escola o faz assim, somente consegue realizar por *habitus* de classe, reforçando pelo trabalho pedagógico, ao identificar no aluno o trabalhador que irá colocar no mercado. Portanto,

Não existem disposições e predisposições negativas que conduzam à auto-eliminação, como por exemplo autodepreciação, a desvalorização da Escola e de suas sanções ou a resignação ao fracasso ou à exclusão, que não possam ser compreendidas como uma antecipação inconsciente das sanções que a Escola reserva objetivamente às classes dominadas. Mais profundamente, só uma teoria adequada do *habitus* como duplo processo da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade permite esclarecer completamente as condições sociais do exercício da função da legitimação da ordem social que, de todas as funções ideológicas da Escola, é sem dúvida a mais dissimulada. Porque o sistema de ensino tradicional consegue dar a ilusão de que sua ação de inculcação é inteiramente responsável pela produção do *habitus* cultivado ou, por uma contradição aparente, que essa ação só deve sua eficácia diferencial às aptidões inatas dos que a ela são submetidos, e que é por conseguinte independente de todas as determinações de classe, embora nada mais faça do que confirmar e reforçar um *habitus* de classe que, constituído fora da Escola, está no princípio de todas as aquisições escolares, tal sistema contribui de maneira insubstituível para perpetuar a estrutura das relações de classe e ao mesmo tempo para legitimá-la ao dissimular que as hierarquias escolares que ele produz reproduzem hierarquias sociais. (BOURDEIU, 1992, pg 213)

O que escola faz, para Bourdieu, é reforçar a vivência externa à Escola em estrutura-estruturante. Ou seja, reconhecendo o contexto social daquele aluno, inconsciente dispõe um trabalho pedagógico alinhado as sua vivencia. Não produz, mas confirma. Para aquele aluno que trabalha para complementar a renda familiar

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

(cujo salário não lhe permite ter acesso a cinema, livros, teatro, shows, lazer e tantos outros elementos importantes para sua formação), com escasso tempo para as atividades que a escola naturalmente demanda, o caminho adotado é reduzir a exigência educacional, sugerindo cópia de um texto do livro, um resumo da página x, equações de menor complexidade, trabalhos escolares menos elaborados, redução da exigência nas avaliações e várias outras situações que a escola procurar adotar. Todo esse processo diuturnamente conserva sua origem social e liga o aluno ao seu papel na sociedade.

Assim, a bravata do senso comum que o fracasso e sucesso estariam relacionados às “aptidões”, vocações de cada pessoa, são rechaçadas. Aí reside uma das grandes contribuições de Bourdieu e Passeron (1992), que é a ruptura com a ideia de “aptidão” natural para explicar o fracasso ou sucesso escolar. O que o sociólogo identifica é que essa igualdade nas oportunidades, a meritocracia, esforço individual são na verdade reprodução e manutenção dos papéis sociais. A escola nada mais faz do que confirmar e reforçar um *habitus* de classes, ao lapidar sua experiência externa na escola e interioriza-la, para depois exterioriza-la novamente. Portanto, a origem social do estudante tem peso para o sucesso ou fracasso escolar, e encontrara na pedagogia importante aliada.

Quando se relaciona os altos índices de evasão, principalmente no ensino médio de Guajará-Mirim, as profissões que mais empregam e seus respectivos salários, percebe-se o sucesso da reprodução. Sem grandes expectativas na mobilidade social a partir da escola o abandono para o ingresso rápido no mercado de trabalhos passa a ser uma grande possibilidade.

Para Bourdieu e Passeron o trabalho escolar tende a valorizar a cultura homogênea, tradicional, em oposição à criatividade individual, ritualizando rotineiramente suas atividades com finalidade a criação do *habitus*. Ao abandonar os estudos para trabalhar, retornar e concluir de maneira precária, o ciclo dos papéis daqueles que vivem do trabalho se pereniza. O aluno que trabalha e estuda, por necessidade, dificilmente encontra na escola instrumento para superação de sua condição.

Assumindo cada vez mais trabalhos precários, informais e distantes das benesses do desenvolvimento científico, precisam estar dispostos a assumir novos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

postos que não exigem qualificação, pois não a tiveram. Mas, como os postos tenderiam a aumentar a qualificação, a precarização não cessa. A não ser que o mercado de trabalho se adapte a esse tipo de trabalhador, que é exatamente o que vem acontecendo não só na Pérola do Mamoré, como em todo o Brasil.

Encruzilhada para os mais carentes, as políticas de permanência e êxito do IFRO podem contribuir para com o sucesso escolar. Entretanto, sem um movimento em uníssono, entre a escola e outras instituições, não será possível equacionar o problema e a produção do fracasso escolar em forma de *habitus* continuará, pois é ele que conduz o estudante a buscar no próprio trabalho, e não na educação, uma condição de vida melhor.

Sem consciência de seus atores, o *habitus* se apresentaria neutro nos rumos determinados pela escola, pois

O volume do capital social que um agente singular possui depende da rede de relações que ele pode mobilizar e do volume de capital econômico, cultural ou simbólico que é posse exclusiva de cada agente que pertence a essa rede de relações a que está ligado. (BOURDIEU, 1998, p. 67)

Então, caberia a escola, inserida neste campo das relações sociais, contribuir para a formação do *habitus*, reforçando a preservação de sua posição social, ao mesmo tempo em que é preservado o modelo econômico, mantendo Guajará-Mirim de ciclo em ciclo sem os avanços necessários. Todo processo, em forma de *habitus*, ocorreria através do prévio entendimento, inconsciente, que as escolas têm de sua responsabilidade na reprodução da herança social desses alunos (BOURDIEU, 1998). Por serem essas instituições educacionais, também, membros desta rede de relações sociais, funcionariam como instrumento para manutenção do capital cultural ou simbólico que os alunos já trazem de sua vivência externa à escola, reforçando sua identidade, preservando seu passado e atualizando seu presente nesses termos. Logo, a vontade de se manter na escola e prosseguir com os estudos para melhores postos de trabalhos esbarram em uma formatação educacional oposta e com vagas de emprego muito aquém.

Finalizando, o Ensino Médio atual está preparado para um tipo de estudante, constituído por um longo percurso de precarização, para atender a posição do país assumido na divisão internacional do trabalho, firmada nas agendas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

dos governos. Transmitindo uma “aptidão” aos alunos através do *habitus*, estruturou/a recursos humanos para atender um mercado periférico, de produção primária, portanto sem necessidade de vultosos investimentos na área da educação. Assim, entre continuar os estudos, muitas vezes concomitante ao trabalho, sem grandes perspectivas de ampliação no salário e de uma profissão salubre, optam, muitas vezes, em abandonar os estudos. Aqueles que persistem estão encontrando postos de trabalho, mas muitas vezes abaixo de suas expectativas.

É um círculo vicioso que não se encerra enquanto não houver planejamento que leve em conta a qualidade do ensino e a estrutura produtiva. Investir em educação precisa estar na agenda também dos empresários e não só dos movimentos sociais, pois os efeitos em um mundo globalizado e cada vez mais exigente atinge a todos, e não importa se seja nos grandes centros ou em qualquer lugar da Amazônia.

05 – CONCLUSÃO

Diante da aproximação com a comunidade, o *campus* Guajará-Mirim, inserido na mesma dinâmica econômica geral, enfrentara problemas de uma agenda de governos que situaram o país à margem do capital internacional, assumindo protagonismo secundário na divisão internacional do trabalho, que toca a região fronteiriça.

Desta feita, atendeu “os donos do poder”, que lucraram com o mercado de trabalho típico desse arranjo, mas com um preço alto para os dias atuais, principalmente para os jovens. Sem a necessidade uma educação complexa, o sistema educacional não se encontrava na ordem do dia, formando trabalhadores em série, baratos do ponto de vista formativo. Distante do mundo do trabalho contemporâneo permanece com um sistema educacional de país periférico. Inviabiliza, portanto, a curto prazo os programas econômicos adotados no país, e em espacial em Guajará-Mirim, de se converterem em melhorias concretas e duradouras.

A reforma que o sistema educacional necessita, principalmente no Ensino Médio, requer esforços vultosos dos governos, mas deve ouvir, primeiramente,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

aqueles que estão no olho do furacão: os estudantes. Desconhecida pela comunidade local, os IFEs, em particular o IFRO-Guajará-Mirim, apresenta uma pedagogia moderna que rompe com o ensino médio dualista e se propõe a profissionalização atualizada, que pensa o mercado de trabalho e a capacidade criativa. Porém ainda precisa de muitos ajustes, mas que só podem ser realizados aproximando-se da comunidade para ouvir sua realidade e expectativa.

Os ciclos históricos que em Guajará-Mirim produziu riquezas, hoje colhe os frutos sofridos por não alinhar esses avanços com a educação. Prejuízo para a população, também é sentida pelos empresários, pois não conseguem reverter as benesses dos subsídios em novos patamares.

É preciso compreender que não é possível pensar em uma economia fechada, pois a Pérola do Mamoré, também sente as cobranças do mercado. Os jovens cobram por melhores condições de lazer, cultura e tantos outros aspectos intrínsecos à educação, pois não se trata somente de trabalho, mas de uma vivência ampla de suas potencialidades. Manter o modelo educacional atual perpetua a dependência econômica e tolhe a criatividade de nossos estudantes.

06 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Taxas de rendimento por município, em 2015*. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/>. Acesso em: 04 de abr.2016

BORDIEU, P. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96*. Brasília, 1996.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

BRASIL, Ministério da Educação. *Mapa da educação profissional e tecnológica: experiências internacionais e dinâmicas regionais brasileiras*. Centro de gestão e estudos estratégicos. Brasília, DF: 2015. 292p.

BRASIL, Ministério da Educação. *Um novo modelo em educação profissional e tecnológica. Concepção e Diretrizes*. SETEC – Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília: 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO*. 3a ed. Brasília: 2010.v. 1.

BRASIL, Ministério do trabalho. *Programa de disseminação de estatísticas do trabalho*, Brasília. Acesso em fevereiro 2017

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. *Estação juventude: conceitos fundamentais* – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília: SNJ, 2014

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTRO, M. H. G., TORRES, H. d. G., & FRANÇA, D. *Os jovens e o gargalo do ensino médio brasileiro*. Primeira Análise - Fundação SEADE, 2013.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise (orgs.). *O ensino médio integrado*. Concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

FAÉ, Rogério. O papel do estado no brasil e o novo desenvolvimentismo. *UNIFEBE*, Brusque, v. 1, n. 20, jan/abr. 2017

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. Educação básica no Brasil na década de 1990: Subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 93-130, abril 2003.

FURTADO, A. *Desemprego entre jovens: situação do Brasil e lições da experiência internacional*. Consultoria Legislativa - Câmara dos Deputados, 2016.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

FUSINATO, T. B. *Cooperativa de trabalho: reflexões a partir de uma experiência na Amazônia rondoniense*. 2005. 160 f. Dissertação de Mestrado (Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA. *Dispõe sobre o Regimento Interno do Campus Guajará-Mirim do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO*. Resolução nº 54, de 12 de julho de 2016

_____. *Plano de Desenvolvimento Institucional (2014-2018)*. Disponível em: www.ifro.edu.br. Acesso em: 14 nov 2016.

_____. *Painel de Indicadores*. Disponível em <http://painel.ifro.edu.br>. Acesso dia 30 mar 2017.

KUENZER, A. *Ensino Médio e Profissional: entrevista*. [11 de outubro, 2011]. MEC: TVEscola. Entrevista concedida a Salto para o futuro.

_____. *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *O Ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito*. Educação & Sociedade, Campinas, a. 21, n. 70, p. 15-39, abr. 2000.

MOURA, D. H. *A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica*. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. SETEC, 2008.

_____. *Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração*. Holos, Natal, v.2, p.1-27, 2007.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas: v. 23, n. 78, p. 15-36, abr.2002.

OIT. *Juventude e informalidade: a formalização da juventude informal - Experiências inovadoras no Brasil*. Lima: OIT/ Escritório Regional da OIT para a América Latina e o Caribe, 2015.

PALITOT, A. A. N. *A ponte invisível do desenvolvimento: Guajará Mirim, periferia da floresta*. GT2: Relação Centro e Periferia: Estado e Sociedade Civil em Áreas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Periféricas. Disponível em:

<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snepe/docs/018.pdf>. Acesso em: 4 nov 2016

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAMOS, M. *A Concepção do Ensino Médio Integrado*. Mimeo: Pará, Secretaria de Estado da Educação, 2009.

SABOIA, J. (Ed.). *Tendências da Qualificação da Força de Trabalho: Projeto PIB: perspectivas do Investimento no Brasil: estudo Transversal*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ; Instituto de Economia da UNICAMP, pg 09-24. 2009.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007

SERÁ QUE O BRASILEIRO TRABALHA POUCO? NÚMEROS RESPONDEM. BBC. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38107290>. Acesso em: 10 de fev. 2017

SCHWARTZMAN, S.; CASTRO, C. M. Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.[online]*. 2013, v. 21, n. 80, p. 563-624.

Disponível em:

<<https://ia601704.us.archive.org/9/items/EstudoEMercadoDeTrabalho/a10v21n80.pdf>

f. Acesso em 06 nov 2016.

SILVA, S. M. S. *Desoneração fiscal: vantagens, desvantagens e desafios à atividade empresarial na área de livre comércio de Guajará-Mirim, Rondônia*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Rondônia. Rondônia, Cacoal, 2014.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 07 Páginas 83-108
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	